

UM ESTUDO SOBRE O PODER DISCIPLINAR NO ÂMBITO DA OBRA VIGIAR E PUNIR DO FILÓSOFO FRANCÊS MICHEL FOUCAULT¹

A STUDY ABOUT THE DISCIPLINARY POWER WITHIN THE WORK DISCIPLINE & PUNISH BY THE FRENCH PHILOSOPHER MICHEL FOUCAULT

Damiana Bezerra Alves²

Recebido em: 02/2020

Aprovado em: 03/2020

Resumo: Este trabalho visa realizar um estudo sobre o poder disciplinar no âmbito da obra *Vigiar e Punir* do filósofo francês Michel Foucault. Entendemos que o poder disciplinar inserido nas instituições disciplinares é uma força que quase sempre se apresenta de forma invisível, o que não exclui suas manifestações evidentes, verbi gratia, nos aparelhos e instituições coercitivas do Estado. Desta forma, o nosso objetivo geral é discutir o funcionamento deste poder, e como ele está presente no campo das instituições sociais. Assim, o nosso problema consiste em: como o sujeito pertencente às instituições sociais, pode se sobressair a estas tecnologias de poder. A hipótese correlacionada às estratégias de fuga a esse poder expressa-se nas práticas do cuidado de si, através das obras: *A Hermenêutica do sujeito* e *A coragem da verdade: governo de si e dos outros II*, momento sobre o qual Foucault se debruça na sua última fase, tratando nesse aspecto sobre a ética. O presente estudo utilizará como técnica de coleta de dados, a pesquisa bibliográfica, no qual os instrumentos utilizados para tanto se configuram em livros de Foucault e seus respectivos comentadores. Por fim, o método abordado nessa investigação será o hipotético dedutivo, sendo que os argumentos podem ser refutados ou aceitos.

Palavras-Chave: Vigiar e Punir, Michel Foucault, Poder disciplinar.

Abstract: This work aims to carry out a study on the disciplinary power in the context of the work *Discipline & Punish* by the French philosopher Michel Foucault. We understand that the disciplinary power which almost always presents itself invisibly, which does not exclude its evident manifestations, verbi gratia, in the coercive apparatus and institutions of the State. In this way, our general objective is to discuss the functioning of this power, And as is him present in the field of social institutions. Thus, our problem consists in: with the subject belonging social institutions can stand to these technologies of power. The hypothesis correlated to the strategies of escape in this power it is expressed in the practices of care of self. Through the works: *The Hermeneutics of the subject* and *the courage of truth: Government of self and of others II*, moment on which Foucault focuses in its last phase, treating this aspect about ethics. The present study will use as data collection

¹ Este trabalho compõe o segundo e o terceiro capítulos da dissertação de mestrado da respectiva autora com algumas alterações.

² Bacharela em Filosofia pela UFCA; Especialista em Docência do Ensino Superior pela UVA; Mestre em Filosofia pela UFPB e Doutoranda em Filosofia pelo doutorado integrado UFPB/UFRN/UFPE, com pesquisa sobre Spinoza e sob orientação do Prof. Dr. Enoque Feitosa. Email: alves.damiana@hotmail.com

technique, the bibliographic research, In which the instruments used to both configure themselves in books of Foucault and their respective commentators. Finally, the method discussed in this research will be the hypothetical deductive, being that the arguments can be refuted or accepted.

Keywords: Discipline & Punish, Michel Foucault, Disciplinary Power.

Introdução

Pode-se destacar o surgimento das instituições disciplinares nos séculos XVII e XVIII, quando houve um aumento significativo da população das grandes cidades. Sendo assim, o primeiro objetivo da disciplina se atrela a fixar, organizar os indivíduos nos espaços institucionais. Mostra-nos Foucault que “a disciplina surge, portanto, como um processo chamado antinomadismo,” (1997: 206) porque tem como objetivo fixar o indivíduo dentro de certas funções. Nesse processo de disciplinarização, podemos identificar a expansão da população escolar, a população hospitalizada e o crescimento da produção industrial que cada vez mais se torna um sistema grandioso e complexo.

A disciplina vem com toda força substituir o que era concebido como velho princípio de “retirada violência” que coordenava e direcionava a economia do poder soberano, pelo princípio “suavidade-produção-lucro” (FOUCAULT, 1997, p. 207). Esse princípio deve ser compreendido como técnica funcional que torna possível o ajustamento dos homens à multiplicação dos aparelhos de produção. Entende-se por produção o aparelho de construção do saber, as habilidades mantidas na escola, a manutenção da saúde nos hospitais e a produção de força destrutiva no exército ou da força produtiva nas indústrias.

A invenção da disciplina, dessa nova anatomia política, não deve ser entendida como uma descoberta súbita, mas como uma multiplicidade de processos diversas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações espalhadas. Foi encontrada em funcionamento nos colégios desde muito cedo, nos espaços hospitalares e também nas organizações militares (FOUCAULT, 1997, p. 134). Ela se utiliza de técnicas sempre minuciosas, para investir de maneira detalhada no corpo, com o propósito de torná-lo totalmente eficiente para a manutenção da sociedade capitalista.

Dessa forma, muitos processos da relação disciplinar se consolidaram na Modernidade, isso foi observado nos conventos, nos exércitos, nas escolas etc. Sendo assim, nos séculos XVII e XVIII, as disciplinas vieram a se tornar modos de dominação, uma nova forma de poder. Pois, de acordo com Foucault, o momento crucial das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que tem por objetivo aumentar as habilidades deste corpo e torná-lo

obediente, dócil e funcional.

Portanto, o objetivo geral dessa perquirição é examinar o poder disciplinar no que concerne as suas instituições sociais, levando em consideração a estratégia foucaultiana, no âmbito da denúncia e averiguação da manifestação desse poder, que ocorre e perpassa de modo despercebido. Para tanto, utilizaremos as obras do autor, assim como, dos seus respectivos doxógrafos.

O nosso problema de pesquisa é: como o sujeito pertencente as instituições sociais disciplinares pode se sobressair a essas tecnologias de poder? Tomamos por hipótese de trabalho a ética do cuidado de si, suas técnicas e práticas que objetivam abolir a escravidão imposta ao sujeito, tornando imperativa a atitude crítica e reflexiva do indivíduo sobre si mesmo, objetivando conhecer-se a si mesmo e ocupar-se de si mesmo.

Fundamentação teórica

Foucault expõe o propósito da obra *Vigiar e Punir* da seguinte forma: “Uma história correlativa da alma moderna e de um novo poder de julgar; uma genealogia do atual complexo científico judiciário”, no qual “o poder de punir se apoia, recebe suas justificações e suas regras” (1997, p. 26). Logo, no decorrer do século XVII e XVIII, o poder de punir se apoiará e atingirá a realidade mais concreta dos indivíduos que será o seu corpo, penetrando na sua vida cotidiana e por isso podendo ser caracterizado como micro-poder, porque está vinculado a relações necessariamente humanas. Em virtude disso, adianta Foucault, que buscou: “Tentar estudar a metamorfose dos métodos punitivos a partir de uma tecnologia política do corpo onde se poderia ler uma história comum das relações de poder e das relações de objeto” (1997, p. 26-27).

O corpo está diretamente mergulhado em um campo político e essas relações de poder têm alcance imediatamente sobre ele. O poder o investe, o dirige, o marca e o sujeita a trabalhos, obrigando-o a certas cerimônias e impondo-lhes regras para o seu funcionamento. Este investimento político do corpo está concatenado a relações complexas e recíprocas a sua utilização econômica e é como força de produção, que o corpo passa a ser investido por relações de poder e de dominação, mas em compensação sua constituição como força de trabalho só é possível se ele estiver preso num sistema de sujeição, no qual passa a ser um instrumento político cuidadosamente organizado, calculado e utilizado. O corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso (FOUCAULT, 1997, p. 28-29).

Foucault observa que essa sujeição age sobre elementos materiais sem ser, na maioria dos casos, violenta, ou seja, sem o uso de violência, ela é calculada, organizada tecnicamente e pensada, tornando-se útil e não fazendo uso de armas nem do terror como era feito no poder soberano. Esse poder continua a ser de ordem física. Quer dizer que pode haver um “saber” do corpo que não é exatamente a ciência de seu funcionamento, mas um saber sobre o controle de suas forças que é mais que a capacidade de vencê-las, esse saber e esse controle constitui o que se poderia chamar a tecnologia política do corpo (FOUCAULT, 1997, p.29).

Essa tecnologia é difusa, raramente formulada em discursos contínuos e sistemáticos, compõe-se muitas vezes de peças ou de pedaços, utiliza um material e processos sem relação entre si. Seria impossível localizá-la, quer num tipo definido de instituição, quer num aparelho do estado. Estes recorrem a ela, utilizam-na, valorizam-na, ou impõe algumas de suas maneiras de agir. Mas, ela acaba se situando em nível completamente diferente. Trata-se de uma microfísica do poder posta em jogo por aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes instrumentos de funcionamentos e os corpos com sua materialidade e suas forças (FOUCAULT, 1997, p. 29). O filósofo acrescenta que:

O estudo dessa microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não seja atribuído a uma “apropriação”, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvende nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, um privilégio que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou a conquista que se apodera de um domínio. Temos em suma que admitir que esse poder se exerce mais que se possui, que não é o “privilégio” adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas – efeito manifestado e as vezes reconduzido pela posição dos que são dominados. Esse poder, por outro lado, não se aplica pura e simplesmente como uma obrigação ou uma proibição, aos que “não tem”; ele os investe, passa por eles e por meio deles; apoia-se neles, do mesmo modo que eles, em sua luta contra esse poder, apoiam-se por sua vez nos pontos em que ele os alcança. (FOUCAULT, 1997, p. 29)

Foucault propõe uma mudança na abordagem do poder, no qual, denomina de microfísica do poder, pois, são procedimentos técnicos que realizam um controle detalhado, minucioso sobre o corpo, gestos, atitudes, comportamentos, hábitos e discursos. Essa microfísica do poder produzirá o corpo que se precisa, não para supliciá-lo, mas para aprimorá-lo e adestrá-lo. O que interessa para a tecnologia de poder não é expulsar os homens da vida social ou impedir o exercício das suas atividades, mas gerir suas vidas controlá-los em suas ações para que seja possível e viável utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades

e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo de suas capacidades.

O objetivo passa a ser econômico, mas também político, tornar os homens força de trabalho, dando-lhes uma utilidade econômica máxima e também fazendo com que seja reduzida a sua capacidade de revolta, de resistência e luta contra as ordens do poder. Ou seja, tornar os homens dóceis politicamente e úteis. Os métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade é o que Foucault chama de disciplina (1997, p. 133).

Ela se diferencia da escravidão, como explica Foucault, pois não se fundamenta numa relação de apropriação violenta dos corpos, é até a sua elegância que dispensa essa relação custosa obtendo assim efeitos da mais alta utilidade. Distinta também da domesticidade, que é uma relação que possui certa dominação, estabelecida sob a forma da vontade singular do patrão. Diferentemente da vassalagem que é uma relação de submissão altamente codificada, que se realiza menos sobre as operações do corpo que sobre os produtos do trabalho e as marcas rituais da obediência, ela ainda irá ser discordante das “disciplinas” de tipo monástico, que tem por função realizar renúncias mais do que aumentos de utilidade (1997, p. 133).

A disciplina funciona com pequenas astúcias dotadas de um grande poder de difusão de arranjos sutis, de aparência inocente. É um dispositivo³ que obedece as economias inconfessáveis, ou que procura coerções sem grandezas. Descrever a disciplina implica chegar à economia do detalhe e na atenção a minúcias, colocar o indivíduo dentro do funcionamento e na coerência de uma tática. Pois, de acordo com Foucault:

Em todo caso, o “detalhe” era já há muito tempo uma categoria da teologia e do asceticismo: todo detalhe é importante, pois aos olhos de Deus nenhuma imensidão é maior que um detalhe, e nada há tão pequeno que não seja querido por uma dessas vontades singulares. Nessa grande tradição da eminência do detalhe viriam se localizar, sem dificuldade, todas as meticulosidades da educação cristã, da pedagogia escolar ou militar, de todas as formas, finalmente de treinamento. Para o homem disciplinado, como para o

³1) O dispositivo é a rede de relações que pode ser entre elementos heterogêneos: discursos, instituições, arquitetura, regimentos, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, o dito e o não dito. 2) O dispositivo estabelece a natureza do nexos que pode existir entre esses elementos heterogêneos. Por exemplo, o discurso pode aparecer como programa de uma instituição, como um elemento que pode justificar ou ocultar uma prática, ou funcionar como uma interpretação *a posteriori* dessa prática, oferecer-lhe um campo novo de racionalidade. 3) Trata-se de uma formação que, em um momento dado, teve por função responder a uma urgência. O dispositivo tem, assim, uma função estratégica. Por exemplo, a reabsorção de uma massa de população flutuante que era excessiva para uma economia mercantilista. Tal imperativo estratégico serviu como a matriz de um dispositivo que se converteu pouco a pouco no controle – sujeição da loucura, da doença mental, da neurose. 4) Além da estrutura de elementos heterogêneos, um dispositivo se define por sua gênese. A esse respeito, Foucault distingue dois momentos essenciais. Um primeiro momento do predomínio do objetivo estratégico; um segundo momento, a constituição do dispositivo propriamente dito (CASTRO, 2016, p. 124).

verdadeiro crente, nenhum detalhe é indiferente, mas menos pelo sentido que nele se esconde que pela entrada que aí encontra o poder que quer apanhá-lo. (FOUCAULT, 1997, p. 135)

Em cada instituição disciplinar é colocado à minúcia dos regulamentos, o olhar das inspeções e o controle das pequenas parcelas da vida, uma racionalidade econômica e técnica é estabelecida para que haja assim, o cálculo constante dos envolvidos. E é aí que aparece uma observação precisa do detalhe, e ao mesmo tempo um enfoque político dessas pequenas coisas, para que aconteça o controle e a utilização dos homens, através de todo um conjunto de técnicas, todo um corpo de processos e de saber, de descrições, de receitas e dados que vai se fabricando e construindo aos poucos o homem da modernidade.

A disciplina regulamenta tudo, ela não deixa escapar nada, seu princípio girará em torno de não deixar escapar o mínimo possível, tudo deve ser visto e analisado, o corpo do indivíduo deve ser treinado para exercer dada função. A criança deve ser vigiada no seu momento de alfabetização, o doente deverá ser classificado e colocado em ambiente específico de acordo com o grau de sua doença e seu contágio, logo, tudo deve ser filtrado, avaliado e classificado a ponto de ter um melhor rendimento.

A disciplina irá se caracterizar por ter havido uma descoberta do corpo como objeto e também como alvo de poder, a atenção foi direcionada ao “corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil e cujas forças se multiplicam” (FOUCAULT, 1997, p. 132). Ou seja, com esse dispositivo de poder a vigilância irá se dirigir diretamente ao corpo do indivíduo.

Os procedimentos que são feitos pela disciplina revelam um tempo cujos momentos se integram uns nos outros, e que se orientam para um ponto terminal e estável. Em suma, o tempo é colocado como evolutivo, lembrando que no momento as técnicas administrativas e econômicas de controle manifestavam um tempo social de tipo serial, orientado e cumulativo: descoberta de uma evolução em termos de progresso. (FOUCAULT, 1997, p. 154).

O poder disciplinar também vai lidar com imperativos de adestramentos:

Adestrar corpos vigorosos, imperativo de saúde; obter oficiais competentes, imperativo de qualificação; formar militares obedientes, imperativo político; prevenir a devassidão e a homossexualidade, imperativo de moralidade. Quádrupla razão para estabelecer separações estanques entre os indivíduos, mas também abertura para observação contínua. (FOUCAULT, 1997, p. 166)

Adestrar as multidões confusas é o mesmo que realizar uma dada ação para tornar hábil

a força dessa multidão, da mesma forma que adestrar os corpos vigorosos, adestra-los com o intuito de torná-los forças orgânicas compostas de elementos combinatórios.

Na terceira parte da obra *Vigiar e Punir* que se intitula *Disciplina* Foucault trata dos corpos dóceis, no qual elenca alguns itens. No primeiro momento, fala sobre: *A arte das distribuições*: “A disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. Para isso utiliza diversas técnicas” (FOUCAULT, 1997, p. 137-138). Na primeira, exige um local fechado em si mesmo, protegido da monotonia, no qual possa colocar: alunos, vagabundos, miseráveis, loucos etc. Na segunda, é requerido o princípio da localização imediata ou do quadriculamento. Significa que cada pessoa tem seu próprio lugar, para que possa facilitar a vigilância, mediar qualidades e utilizar o máximo de forças possíveis.

Em terceiro fica estabelecida a regra das localizações funcionais. No espaço disciplinar é preciso que ocorra vigilância, que seja capaz de romper com as comunicações perigosas para que haja um maior usufruto do recinto. (1997, p, 139-140) No quarto item a disciplina vai tratar dos elementos intercambiáveis, cada um irá se definir pelo lugar que ocupa na série e pela distância que se separa uns dos outros na fila. A disciplina se definirá também pelo controle das atividades e este tem as suas subdivisões.

Já no controle das atividades está presente como o primeiro item o horário. Os três grandes processos são: estabelecer as cesuras, obrigar a ocupações determinadas, regulamentar os ciclos de repetições que foram encontradas desde muito cedo nos colégios, nas oficinas e nos hospitais. E por fim, o horário segue como elemento fundamental, sendo através dele feito todo um quadro de repartições de atividades específicas. (FOUCAULT, 1997, p. 144).

O corpo e o gesto postos em correlação significa que há uma melhor relação entre um gesto e a atitude global do corpo, pois já se sabe que é “no bom emprego do corpo que permite um bom emprego do tempo” (FOUCAULT, 1997, p.147). Um corpo bem disciplinado é aquele que possui o gesto bem definido e a obediência estabelecida. Neste caso, na articulação corpo-objeto, mostra-se a relação que se tem com o objeto que se manipula. Por exemplo, quando o soldado pega a arma, é estabelecida uma ordem de sucessão de seus movimentos, seguindo as regras impostas pelo comando disciplinar.

Ao se tratar do controle da atividade, está presente a utilização exaustiva do corpo. Neste elemento é proibido perder tempo, e o seu princípio se baseia não na ociosidade, mas, extrair do tempo mais instantes, e de cada instantes, mais força útil. A organização das gêneses se ramifica em: “Dividir a duração em segmentos sucessivos e paralelos, dos quais cada um deve chegar a um tempo específico” (FOUCAULT, 1997, p. 152), quer dizer, decompor o tempo em

sequência, separado e ajustado, ensinando aos indivíduos pouco a pouco, a postura que se deve ter. Pois acaba sendo um erro ensinar todos os exercícios ao mesmo tempo, pois, pode ocorrer o risco de não haver aprendizado.

Na sequência, organiza-se um esquema analítico, mantendo a sucessão de elementos simples combinando de acordo com uma complexidade crescente. Exemplificando gestos, a posição tomada nos dedos, a maneira como flexiona as pernas e efetuando também um treinamento geral da força e da habilidade. Para finalizar esses segmentos temporais é preciso fixar o tempo marcado por uma prova, é preciso ter a função de indicar se o indivíduo atingiu o nível que se deseja. No caso escolar, garantir que sua aprendizagem está em conformidade com a dos outros, e possa também diferenciar as capacidades de cada um (FOUCAULT, 1997, p. 152). A disciplina estabelece a ordem dos seus mecanismos. Isto é, prescreve a cada um, de acordo com seu nível e seu posto os exercícios que lhe convém, de maneira que cada indivíduo possa ser definido em nível e categoria.

A composição das forças estabelecidas por Foucault se divide em três camadas. Primeira: o corpo singular se torna um elemento, que se pode mover e articular com outros, sua coragem ou força não são mais as variáveis principais que o definem, mas o lugar que ele ocupa. O segundo consiste em colocar o corpo como uma peça de uma máquina multissegmentar. A disciplina combina várias peças da máquina-corpo para formar finalmente aquilo que se pretende. O terceiro elemento vai tratar da combinação cuidadosa para que se consiga chegar ao comportamento desejado (FOUCAULT, 1997, p. 158). E nesse enlace chegaremos à origem e aparição da disciplina como forma de dominação e como tecnologia de poder.

A disciplina é o exame preciso do corpo no espaço, a inserção dos indivíduos em um recinto no qual possa ser classificado, observado, analisado e adestrado. Neste campo de investigação para que possa ser construída uma arte do corpo humano, começa-se a observar de que maneira os gestos são feitos, qual o mais eficaz, qual o mais rápido e melhor e qual pode ser ajustado ao que se deseja alcançar.

Foucault nos diz que para haver o funcionamento da disciplina é necessário distribuir os indivíduos utilizando diversas técnicas, sendo que uma das primeiras técnicas refere-se à determinação de um local heterogêneo, composto de partes de diferentes naturezas, no qual se consiga enquadrar singularidades de todos os lados. Usando mecanismos que possam permitir o controle das operações do corpo, que asseguram a sujeição constante de suas forças e lhe impõe uma relação de docilidade movida para a utilidade.

O que se observa nestes lugares fechados, é o estabelecimento da presença e da falta de

cada ser individualmente, saber onde e como encontrá-lo, poder vigiá-lo para modelar a sua conduta, medir as suas qualidades, seus méritos, conhecer assim o seu modo de ser. Neste sentido, a lógica é simples: esquadrihar o indivíduo para logo em seguida dominar e utilizar de maneira eficiente o controle constante de suas forças corporais (FOUCAULT, 1997, p. 138).

Deve-se considerar que as localizações funcionais nas instituições disciplinares não deixam o espaço livre no âmbito de sua arquitetura, os lugares que são usados se definem não só para fazer cumprir com a necessidade de vigiar e controlar, mas para criar um espaço que seja útil. Observemos o regime de conduta nos hospitais militares e marítimos da França:

Parece que Rochefort servia de experiência e de modelo. Um porto, e um porto militar, é, com circuitos de mercadorias, de homens de alistado por bem ou à força, de marinheiros embarcando e desembarcando, de doenças e de epidemias, um lugar de deserção, de contrabando, de contágio: encruzilhadas de misturas perigosas, cruzamentos de circulações proibidas. O hospital marítimo deve então cuidar, mas por isso mesmo deve ser filtro, um dispositivo que afixa e quadricula; tem que realizar uma apropriação sobre toda essa mobilidade e esse formigar humano, decompondo a confusão da ilegalidade e do mal. A vigilância médica das doenças e dos contágios é aí solidária de toda uma série de outros controles: militar sobre os desertores, fiscal sobre as mercadorias, administrativo sobre os remédios, as rações, os desaparecimentos, as curas, as mortes, as simulações. Donde a necessidade de distribuir e dividir o espaço com rigor. (FOUCAULT, 1997, p.139).

Tal descrição parece assim sinalizar com muita eficiência como os hospitais demarcam e individualizam os corpos. Isto é, são definidos espaços para cada doente, sendo posta a disciplina no sentido das regras estarem anexadas ao próprio funcionamento do hospital em si mesmo. O autor ressalta que nasce da disciplina um espaço útil do ponto de vista médico, em que é estabelecido o controle dos medicamentos, a criação de um sistema para verificar a quantidade de doentes, quem são esses doentes e de onde vieram.

Para tanto, nos espaços hospitalares os enfermos são obrigados a ficar em salas e seus nomes são expostos para facilitar a localização. Caso haja doença contagiosa, será mantido em um quarto isolado dos demais pacientes. Pois, o espaço hospitalar tende a individualizar os corpos, as doenças, os sintomas, as vidas e conseqüentemente as mortes.

O poder disciplinar não é descontínuo, ao contrário, ele implica um procedimento de controle contínuo, nesse sistema e não está eventualmente à disposição de alguém, e sim, está perpetuamente sob o olhar de alguém ou, em todo caso, na situação de ser olhado. Para a disciplina manter sempre esse controle, é necessário levar a utilização de um instrumento como a escrita, para garantir anotação e o registro de tudo o que acontece, de tudo que o indivíduo

faz, de tudo o que ele diz, de tudo o que ele produz, para em seguida transmitir a informação ao longo da escala hierárquica. Em consequência disso, observa-se que:

Para que o poder disciplinar seja global e contínuo, o uso da escrita me parece absolutamente necessário, e parece-me que se poderia estudá-lo da maneira como, a partir dos séculos XVII e XVIII, se vê, tanto no exército como nas escolas, nos centros de aprendizagem, igualmente no sistema policial ou judiciário, etc., como os corpos, os comportamentos, os discursos das pessoas são pouco a pouco investidos por um tecido de escrita, por uma espécie de plasma gráfico que os registra, os codifica, os transmite ao longo da escala hierárquica e acaba centralizando-os. Vocês têm aqui uma relação nova, creio, relação direta e contínua da escrita com o corpo. A visibilidade do corpo e a permanência da escrita andam juntas e têm evidentemente por efeito o que poderíamos chamar de individualização esquemática e centralizada (FOUCAULT, 2006b, p. 61).

A escrita mantém uma forma de poder que se enquadra no registro contínuo, todas as atividades desenvolvidas pelo ser disciplinado devem necessariamente ser anotadas, para que haja o acompanhamento do quadro de atuação do indivíduo no espaço disciplinar.

Podemos apresentar o exemplo da disciplina operária. É característico que nos contratos assinados pelos operários ficasse claro que deviam concluir seu trabalho antes de determinada época ou dar tantos dias de trabalho ao seu patrão. Se o trabalho não fosse terminado ou se a quantidade de dias não tivesse sido dada, o operário tinha que dar o equivalente do que faltava, seja acréscimo de certa quantidade de trabalho, ou mesmo certa quantidade de dinheiro. Era um sistema punitivo que funcionava com base no que tinha efetivamente acertado, seja como prejuízo ou como falta.

No poder disciplinar o princípio de distribuição e classificação de todos os elementos implica necessariamente um resíduo, ou seja, sempre haverá algo como o inclassificável, como o que não se adequa às regras, o anormal que não se encontra dentro dos princípios estabelecidos pela disciplina.

O ponto maior desses mecanismos disciplinares é quando classificam, hierarquizam e vigiam. Porém, os que não podem ser classificados, os que escapam ao funcionamento da vigilância, será o resíduo, o irreduzível, o inclassificável e o inassimilável, ou seja, haverá sempre aquele que por não se enquadrar, ficará nas margens do poder disciplinar.

Foucault também trata daquilo que se chama o olho do poder, seu modelo arquitetônico foi descrito por Bentham, como uma construção que serve para enquadrar qualquer indivíduo inserido em uma instância de poder de ordem disciplinar. Pode ser colocado um louco, um doente, um escolar, um operário, que o mesmo será visto, mas não saberá quem o está vigiando

e exercendo o controle através desse mecanismo de poder.

O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição o princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre: esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário, ou um escolar. Pelo efeito da contra luz pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível. O dispositivo Panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente (FOUCAULT, 1997, p. 190).

Um dos aspectos do panoptismo é ser uma máquina de modificar comportamentos, treinar e retrainar os indivíduos, experimentar remédios e verificar seus efeitos, estabelecer as diversas punições para seus prisioneiros de acordo com seus crimes e temperamentos, mostrar e ensinar variadas técnicas aos operários e escolher a melhor.

Bentham em seu livro *o panóptico* fala sobre esse princípio geral de construção, afirmando que ele não é uma prisão, ele é na verdade, um dispositivo polivalente da vigilância, a maça óptica universal das concentrações humanas (2008, p. 89). A esse respeito, o panóptico é o modelo do mundo utilitarista, tudo nele é só artifício, nada de natural, nada de contingente, nada que tenha o existir como única razão de ser, nada de indiferente.

Tudo ali é exatamente medido, sem excedente, nem falta. As articulações, os dispositivos, as manipulações. Por toda parte máquinas (2008, p. 93). Coloca-se o indivíduo nesse espaço, para que sejam calculados suas características, e moldado seu comportamento. Através da vigilância perpétua, ele é visto analisado e fabricado com o intuito particular de cada instituição ao qual o mesmo está inserido.

Tomemos um exemplo. Tudo funciona no panóptico, tudo trabalha – em particular, os reclusos, do mesmo modo que as outras peças da grande máquina. O rendimento mesmo de seu trabalho, reclama que de tempos em tempos, eles se repousem, se distraiam. Distrair-se? Isso é distrair tempo da produção. Assim, não basta reduzir o repouso ao mínimo necessário. Esse “sacrifício” - é o termo de Bentham – deve ser o quanto se possa, retomado num outro processo de produção. Todo jogo será assim tornado lucro. (BENTHAM, 2008, p. 94)

O olho atento do panóptico vai requisitar poucas despesas, nada de armas ou de

violência, mas funcionará simplesmente pelo olhar. Esse olhar que vigia e que pressiona a cada um a sentir o pesar sobre si mesmo. Induzindo o indivíduo a interiorizá-lo a ponto de observar a si próprio. Nesse aspecto, o poder alcança a vigilância sobre si e sobre o outro.

O panoptismo não é um poder que seria dado inteiramente a alguém e que esse alguém o exerceria isoladamente, totalmente sobre os outros, ele é uma máquina na qual, todos estão presos, tanto aqueles que o exercem, quanto os que sofrem a influência perpétua da extensão desse poder. Ele não está identificado a um indivíduo que o possuiria e o exerceria, torna-se um maquinário, do qual ninguém é titular (FOUCAULT, 2010, p. 117). Certamente nessa máquina ninguém ocupa o mesmo lugar, pois poderá estar na posição de vigia qualquer um, qualquer indivíduo. Trata-se de um aparelho de desconfiança total e circulante, porque não há um ponto absoluto de vigia e vigiado.

E dessa forma junto ao poder disciplinar, a função sujeito (FOUCAULT, 2006b, p.69) vem se ajustar exatamente à singularidade somática: o corpo, seus gestos, seu lugar, suas mudanças, sua força, seu tempo de vida e seus discursos. E a propriedade fundamental desse poder é fabricar corpos sujeitados, o indivíduo passa a ser senão um corpo manipulado regido por normas firmes no processo de disciplinarização.

A disciplina consiste em maximizar a utilização possível dos homens, torná-los aproveitáveis para que se transformem em forças individuais de trabalho, mas também, para que possa permitir a aplicação do tempo de trabalho, do tempo de aprendizagem, de aperfeiçoamento, do tempo de aquisição dos saberes e das aptidões, no qual esse tempo além de ser medido, deve ser também verificado e analisado para que haja o uso com a sua melhor eficácia e o seu melhor aproveitamento.

A disciplina é uma tática (FOUCAULT, 2006b, p. 91) certa maneira de distribuir as singularidades de acordo com um esquema classificatório, distribuí-las espacialmente para possibilitar acumulações temporais que possam estar efetivamente no nível da atividade produtora com a sua total eficiência. Dessa forma:

Distribuir os homens segundo essas necessidades implicava não mais uma taxonomia, mas uma tática; essa tática tem por nome “disciplina”. As disciplinas são técnicas de distribuição dos corpos, do tempo, das forças de trabalho. E são essas disciplinas, precisamente com essas táticas, com o vetor temporal que elas implicam, que irromperam no saber ocidental no correr do século XVIII e que remeteram a velhas taxonomias, modelos de todas as ciências empíricas, para um campo de um saber em desuso e, em todo caso, talvez até inteira ou parcialmente desconsiderada. A tática substituiu a taxonomia e, com ela, o homem, o problema do corpo e o problema do tempo, etc. (FOUCAULT, 2006b, p. 91).

A tática se configura exatamente por se constituir como estratégias usadas para haver o funcionamento da disciplina, todo o conjunto de regras para o seu bom desempenho e andamento. Ordenar para ser útil, diferenciar e nivelar, levando em conta procedimentos de comparação para a manobra e a efetivação constante do poder.

O mecanismo da disciplina codifica também o permitido e o proibido, uma boa disciplina é aquela que lhe diz a cada instante o que você deve fazer e o que não deve fazer. A vida monástica é um exemplo de disciplina. Na vida monástica o que o monge faz é inteiramente regulado, dia e noite, e a única coisa indeterminada é o que não se diz. No sistema de regulação disciplinar o que é determinado é justamente o que se deve fazer. Através da norma disciplinar é possível distinguir o normal do anormal e realizar assim o seu devido adestramento (FOUCAULT, 2008, p. 60).

Com este propósito, é preciso fazer a distribuição dos corpos, organizar o espaço dos aparelhos de produção e as variadas maneiras de atividades na localização, para que seja possível assim efetuar uma vigilância global e individual. No que concerne ao funcionamento das sociedades disciplinares, é preciso comprovar a forma como o operário trabalha, se realmente o seu trabalho tem qualidade ou não, para que depois possa compará-lo com aquele que se adequa ou não ao regime de trabalho. Quem produzir mais acabará sendo qualificado através de recompensas. A recompensa será o motor da sua força, de seu vigor, de sua rapidez, e de outras habilidades que poderão vir a ser desenvolvidas.

Assim, nos aparelhos disciplinares os indivíduos se definem pelo lugar que ocupam seguindo uma ordem. Essa unidade será a posição na qual a singularidade ocupa na fila, no mero registro de trabalho, na referência do leito em um hospital, no número de lista de chamada na escola. Sobremaneira, a disciplina individualiza corpos, pessoas e faz com que aconteça uma distribuição desses indivíduos numa rede de relações.

Dessa forma, o poder disciplinar gerencia os lugares, as fileiras, criando espaços que são funcionais, porque cumprem com o objetivo proposto de hierarquizar, já que dentro desse ambiente é estabelecida uma ordem de sucessão e de coordenação arquitetural demarcando em si mesmo a estrutura do funcionamento da disciplina, ou seja, a maneira como esses campos são criados, já são postos para observar o todo sem haver necessidade nenhuma da presença do observador. A disciplina também acaba se constituindo de “quadros vivos”, pois possui o objetivo de transformar uma grande quantidade de pessoas confusas, desordenadas em um conjunto de indivíduos ordenados e organizados. Nesse sentido, segue-se:

O quadro, no século XVIII, é ao mesmo tempo uma técnica de poder e um processo de saber. Trata-se de organizar um múltiplo, de se obter um instrumento para percorrê-lo e dominá-lo; trata-se de lhe impor uma “ordem” (FOUCAULT, 1997, p. 143).

O método da disciplina é, contudo, tratar a multidão por ela mesma, distribuir e tirar dessa multiplicidade o maior número possível de efeitos. Diante disso, a disciplina vai do singular ao múltiplo, do múltiplo ao singular; uma via de mão dupla que faz com que a relação de controle aconteça. Diante do exposto, como o sujeito pertencente as instituições disciplinares pode se sobressair a estas tecnologias de poder?

A hipótese que colocamos, irá de acordo com a ética do cuidado de si, embora nós não temos a pretensão de abordar de maneira profunda esse tema, mas de tratá-lo de modo breve como uma possível saída a essa tecnologia de poder.

Na aula de 6 de janeiro de 1982, no curso do *Collège de France*, o filósofo vai tratar sobre o cuidado de si (*Epiméleia heautoû*). Refere-se a uma atitude geral, certo modo de encarar as coisas, de estar no mundo, de praticar ações, de ter relações com o outro. É uma atitude para consigo, para com os outros e para com o mundo. É também uma forma de atenção, de olhar. Cuidar de si mesmo implica que se converta o olhar, que o conduza do exterior dos homens para “si mesmo”. O cuidado de si implica certa maneira de estar atento ao que se pensa e ao que se passa no pensamento (FOUCAULT, 2006a, p. 14-15). Ele também implica em algumas ações, sendo essas ações exercidas de si para consigo, pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos.

Com efeito, o sujeito se ocupa de si mesmo, quando se conecta aos discursos verdadeiros, e com tal atitude sua subjetividade, seu modo de ser se transforma. Com essa transformação, podemos ponderar que o sujeito está se libertando das amarras que o prenderam, sujeitando-o a manipulação e a fabricação. Quando o sujeito se ocupa de si, transforma a sua subjetividade, e se torna livre, autônomo. (FOUCAULT, 2011, p. 10) A *parresía* é etimologicamente a atividade que consiste em dizer tudo: *pân rema*, o *parresiasta* é aquele que diz tudo. Foucault encontra dois valores para a palavra *parresía*, o valor pejorativo que consiste em dizer tudo, no sentido de que possa dizer qualquer coisa, qualquer coisa que passe pela cabeça, ou que possa ser útil a qualquer causa que venha a defender. Coisas que possam servir a paixão ou ao interesse que anima a quem fala. Nesse caso, então, o *parresiasta* se torna um tagarela. (2011, p. 10).

Mas a *parresía* é empregada também com um valor positivo, e é esse valor que nos

interessa. Ela equivale a dizer a verdade sem dissimulação ou reserva, nem cláusula de estilo nem ornamento retórico que possa cifrá-la ou mascará-la. O “dizer tudo” (FOUCAULT, 2011, p. 11), é nesse momento dizer a verdade, sem dela nada esconder, não ocultá-la, dizer as coisas verdadeiras e praticar essa verdade. É preciso, não apenas que essa verdade constitua efetivamente a opinião pessoal, daquele que fala, mas também que ele a diga como sendo, o que ele pensa, e o que ele acredita e não da boca para fora. Mas que possa viver a sua verdade de modo coerente e autêntico. Esse é o *parresiasta* visto pela conotação positiva.

Conclusão

O que buscamos demonstrar no texto desta pesquisa é a abordagem sobre o poder disciplinar, e como o corpo submetido às instituições sociais estão submetidos a essa tecnologia política de poder. Nesse sentido, o controle disciplinar ocorre na medida em que o indivíduo está inserido em um tempo e espaço pertencendo a uma dada instituição social.

Os lugares das instituições disciplinares são lugares que fazem cumprir com a necessidade de vigiar, criando-se também um espaço propício à utilidade. Sendo assim, nas instituições disciplinares, os indivíduos irão se definir segundo uma sequência ou uma ordem, sendo a disciplina uma maneira de fazer a distribuição desses indivíduos, formando uma rede de relações.

A disciplina utiliza também o panoptismo que faz com que torne possível a observação geral dos corpos, fazendo acontecer à vigilância de maneira que o vigiado sinta que está sendo vigiado, embora não tenha absoluta certeza de quem o está vigiando.

Foucault nos apresenta o panoptismo simbolizando o edifício do poder, já que consegue adentrar nos comportamentos individuais sem que as singularidades o percebam de fato. A disciplina age em escala maior no corpo, esse é o propósito real do mecanismo disciplinar de poder; dominar e extrair desse corpo um número máximo de atividades, de rendimentos, tornando esse corpo útil até nos mínimos instantes.

A disciplina é composta por métodos que culminam numa estrutura, uma arquitetura que se transforma em modelo para a sociedade atual. A sociedade moderna. Toda prática disciplinar requer um espaço. O homem produziu o espaço da excelência disciplinar, no qual o olho do poder está sempre atento.

Observamos também que é através do cuidado de si, que é marcado um compromisso de cada sujeito, enquanto pertencente a uma sociedade com a verdade (*parresiástica*). E nesse

sentido, os sujeitos passarão a se orientar por aquilo que eles compreendem como sendo a verdade. É por meio desse cuidado que o sujeito possivelmente se tornará apto e livre das amarras desse poder.

É através da ética do cuidado de si que se promove a transformação do *ethos* do sujeito. A proposta de se pensar uma nova filosofia que tenha desdobramentos sobre a política e sobre o poder a partir da concepção do discurso pautado pela veridicção, pela verdade atrelada a resistência que se encontra lado a lado com o poder disciplinar, lutando pela sua efetiva espontaneidade.

Nesse sentido, o caminho que percorremos nesse trabalho, baseou-se na perspectiva foucaultiana, vista pela ótica do poder disciplinar atrelado aos seus aspectos de modulação da conduta humana em seus diversos espaços e procedimentos, seja em anotações, seja em observação de maneira despretensiosa e silenciosa, visto que, a ação desse poder consiste em adentrar no comportamento do indivíduo fazendo suas devidas modificações.

Referências

BENTHAM, Jeremy. **O panóptico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CASTRO, Edgar. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal 1979.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Tradução Raquel Ramallete. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

FOUCAULT, M. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

FOUCAULT, M. **O poder psiquiátrico: Curso dado no collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população: Curso dado no collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos, Volume VI: Repensar a Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, M. **A coragem da verdade: O governo de si e dos outros II: Curso no collège de France**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011.